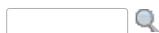


- [Eventos](#)
- [Exposições](#)
- [Festival](#)
- [Interior](#)
- [Livros](#)
- [Música](#)
- [Notas](#)
- [Programe-se](#)
- [Rádio](#)
- [Revistas](#)
- [Teatro](#)
- [Viagens](#)



[Home](#) » [Cultura](#)

Uma Fabbrica de ideias: criação e sustentabilidade

Publicado por [admin](#) - Sunday, 12 August 2012



ENSAIO

No texto a seguir, professora da USP destaca a inovadora ideia do artista italiano Angelo Grassi – que estará em São Paulo na próxima semana – de transformar uma antiga fábrica de cimento em centro de cultura e criação artística

ELZA AJZENBERG

Especial para o Jornal da USP

Uma fábrica de produção de cimento, símbolo do período industrial italiano, está hoje transformada em um centro de produção de ideias e criações contemporâneas pelas mãos do designer italiano Angelo Grassi. Quando o visitante chega para conhecê-la, em Gambettola, cidade da região da Emília Romana, nas proximidades de Bolonha, é logo convidado a refletir sobre a frase que é marca registrada do local. A fábrica não é mais centro de poluição industrial, mas, ao contrário, referência internacional em arte e sustentabilidade.

A concepção de Angelo Grassi – artista que estará em São Paulo, na semana de 20 a 26 de agosto, proferindo conferências, fazendo visitas técnicas e interagindo com pesquisadores, gestores e artistas brasileiros – transforma o cimentifício (fábrica de cimento) Sicali, enorme parque industrial de antes e depois da Segunda Guerra Mundial, em “não mais cidade do cimento, mas da cultura”. Há cerca de 20 anos surge o percurso inovador: “A difusão da cultura”, em nome da capacidade criativa e produtiva local. Fabbrica nasce como cidadela criativa e de artesãos que decidem se reunir para “defender o espaço da própria vocação”. A indústria “que produzia também fumaça, ruído e pó” é reconstruída respeitando a sua história, com “espaços de trabalho mais salubres e ecocompatíveis”.



Essa iniciativa pode motivar outras propostas e questionamentos sobre o destino de várias construções similares, em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil. Como pensar em exemplos de criação e sustentabilidade, redimensionando projetos e preservação? Há outras indagações: qual o papel de pesquisadores e gestores de políticas culturais em relação aos desafios de projetos urbanos? Como redimensionar espaços e construções, tantas vezes condenados ao desuso e à degradação, diante de tantas possibilidades e carências?

Refletir sobre a importância e a necessidade de aumentar o número de espaços urbanos bem projetados, saudáveis, agradáveis e que objetivem melhorar a qualidade de vida é um desafio que envolve toda a sociedade. Não é raro encontrar fábricas ou espaços desativados dando lugar a diversas outras atividades. Entretanto, há um diferencial em relação à iniciativa de Angelo Grassi. As fábricas desativadas costumam ser esvaziadas, suas máquinas são sucateadas e há um processo de apagamento da memória de suas funções anteriores. Não é o que acontece na proposta da Fabbrica.



Cidadela de artesãos – Do próprio catálogo da Fabbrica (extraído do site

www.angelograssi.it, traduzido do texto italiano), o texto a seguir exprime a concepção e os objetivos desse projeto inovador e autossustentável:

“Era uma vez a fábrica dentro da cidade. A fábrica como local de trabalho, de produção, um edifício cuja presença interativa com o sítio urbano criava e modificava relações. A fábrica e a cidade, onde a fábrica representa um novo modo de existência urbana, no sentido de ser um fator agregador, centro de uma identidade social e política.

Agora a fábrica não o é mais, ou pelo menos se tornou outra. A história do cimentifício Sicli de Gambettola recomeça, depois da sua desativação, com o projeto do designer Angelo Grassi de fazer deste grande monumento industrial, deste espaço enorme, uma cidade não mais do cimento, mas da cultura. É em 1989 que Angelo Grassi decide que chegou o momento de realizar a sua bodega (a palavra tem aqui o sentido de “fábrica pequena”, ateliê) global. O percurso é claro: trata-se de desfrutar dos recursos disponíveis em um território potencialmente muito produtivo, sob o lema da filosofia do desenvolvimento sustentável. Não mais, portanto, força de trabalho a serviço da grande indústria, mas difusão da cultura artesanal em nome da capacidade produtiva local. Fabbrica nasce, portanto, como cidadela de artesãos que decidem se reunir nesta área e defender o espaço da própria ‘vocação’, em uma sinergia de forças, como explica o próprio Grassi: ‘De uma indústria que produzia também fumaça, ruído e pó, reconstruímos espaços de trabalho mais salubres, mais ecocompatíveis, mantendo inalterada a vocação produtiva do complexo’.



Mas, se é verdade que sem economia a cultura não se sustenta, também é verdade que sem cultura a economia é bem pouca coisa, e colocar a máquina para funcionar significa também estudar percursos, abrir novas estradas. Como demonstra Angelo Grassi, transformar, pelo lema da conservação, talvez seja hoje a única maneira de não renunciar ao passado. O desafio de recuperar uma estrutura destinada à degradação nasce então de uma nova conscientização de um traço do passado, que requer uma reatualização em um sentido completamente novo. Reatualizar significa, para Angelo Grassi, reutilizar e tornar acessível o espaço aos visitantes, criar, em suma, um local de encontro no qual se possa interagir com o que lá se apresenta.

É por esse motivo que o projeto de uma nova destinação de uso viu Fabbrica se tornar progressivamente um centro de expressão cultural, antes de tudo de si mesma e do seu valor de testemunho. Uma recuperação que, no espírito da conservação dos traços, é ao mesmo tempo um comunicar: comunicar a um local um novo sentido e comunicar, através disso, novas modalidades de fazer cultura. A vontade de manter a estrutura original do edifício transparece em cada ângulo: nada se perde da solidez granítica dessa ex-fábrica, onde a presença dos velhos maquinários, a recordar os fatos de um tempo, conjuga-se magistralmente com os ambientes recriados por Grassi, do laboratório cênico multimídia aos espaços recuperados nas galerias internas até o círculo pós-trabalho e o observatório sobre a cidade.

Ocorre assim que, graças à obra de recuperação, Fabbrica adquire uma funcionalidade inédita, onde o conhecimento do passado se transfigura em criatividade e onde a obra não se interrompe com o projeto, mas prossegue com o intento de manter vivo o edifício com todas as suas validades histórico-culturais. Existe certamente uma ligação entre a conservação e a perspectiva de crescimento da nossa cultura: é um pouco como se a fábrica, através de suas transformações, buscasse realizar um novo objetivo.

Uma pesquisa que se volta ao construído, mas também a construir aquele novo sentido de pertinência a um lugar. Isso é o que Angelo Grassi chama de Fabbrica.



Laboratório – Quando se abrem os portões da Fabbrica, é como se o visitante voltasse no tempo – “o visitante respira uma atmosfera suspensa no tempo”. “Observa como tudo foi preservado do jeito que foi construído.” Tudo é original e único: as máquinas, as escadas, as janelas, os galpões – em frente da fábrica, a pequena estação férrea que transportava o cimento produzido atualmente apoia produções inovadoras. Abre um túnel de possibilidades entre presente e futuro.

A Fabbrica de ideias de Angelo Grassi reconverte o ex-cimentifício em laboratório inovador. Essa experiência vem reduzindo significativamente a poluição do ar num raio de 10 quilômetros, melhorando a área, a proteção à natureza e reduzindo a poluição sonora. Os espaços no interior do edifício foram todos reformados e redecorados, em parte reutilizando materiais recuperados da própria construção, de outra parte com materiais dos cenários e exposições organizados no trabalho cotidiano do designer.



Grande parte do antigo maquinário está conservada, intacta e em condições de uso: o moinho horizontal, os fornos verticais e o silo. Alguns equipamentos e espaços têm novas funções. O silo está transformado em adega, com temperatura constante de 12º C. O piso térreo interno – a galeria das colunas – é utilizado para mostras de arte e eventos. O salão dos filtros é o laboratório cênico e espaço para cursos de teatro. O segundo andar contempla um museu fotográfico com a história da fábrica. Há espaços para centro de convenções e apresentações e cursos de música. Uma grande área é destinada a espaços artesanais, como incubadora de novos empreendimentos.

Não menos importantes são as atividades desenvolvidas, de modo incansável, com os pesquisadores que desenvolvem seus projetos e artistas que expõem seus ousados trabalhos. Alguns residem ou estagiam no próprio local da Fabbrica. A infraestrutura compreende residências, restaurante, biblioteca. Apresentações musicais, teatrais e de dança percorrem o interior e exterior da Fabbrica, em parte recoberta de tapete natural, com vegetais coloridos: um grande quadro abstrato. A laje de cobertura se transformou em observatório de 360º, de onde se avista toda a cidade de Gambettola.

Angelo Grassi está sempre atento aos jovens talentos e instituições que buscam intercâmbios e interatividade. Com pesquisadores e artistas brasileiros, vem realizando contatos, através do Projeto Invisibile 9 e do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

Elza Ajzenberg é professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

Capa desta edição



[Edições anteriores](#)

Editorias

- [Ciência](#)
- [Comunidade](#)
 - [Notas](#)
- [Cultura](#)